

18/10/2011 às 00h00

Manda quem emite, lê-se em transcendental simbologia

Por **Oscar Pilagallo** | Para o Valor, de São Paulo

Ao associar as esferas mundana e espiritual no título de seu livro mais recente, Noenio Spinola parece sugerir uma abordagem inusitada da história da moeda. A leitura de "Dinheiro, Deuses & Poder" confirma tal impressão. "A simbologia religiosa", afirma o autor, "navega na linha do tempo do dinheiro porque a face dos deuses batida nas moedas ajuda a conquistar ou a consolidar o poder político daqueles que detêm o poder de emitir."

Ao observar a interseção entre transcendência e materialidade, Spinola amplia o campo da numismática. Tradicionalmente, o estudo da moeda tende a se concentrar nos aspectos físicos das peças. Sem perder de vista a natureza própria desse domínio do saber, Spinola vai além, e percorre também os caminhos da simbologia, da psicanálise, da mitologia, da cultura e do folclore, entre outros, para contar a história do dinheiro.

O mercado brasileiro é bem servido de livros sobre essa história. Todos têm um eixo bem determinado. Numa obra clássica, "Moeda: de Onde Veio, para Onde Foi", John Kenneth Galbraith optou por um recorte conceitual. No final dos anos 90, em "A História do Dinheiro", Jack Weatherford escolheu o viés da antropologia cultural. Mais recentemente, Niall Ferguson focou a história financeira em "A Ascensão do Dinheiro".

Spinola abriu mão de eleger uma perspectiva preferencial e tentou captar o todo, num ambicioso esforço multidisciplinar que, apesar das excelentes credenciais do autor e de sua notável aplicação, resultou numa obra prejudicada pela insuficiência de foco.

A gênese do projeto talvez explique a opção de Spinola. Tendo recebido de herança do pai uma coleção de moedas, o autor a ampliou para transformá-la em âncora do livro. São moedas e cédulas representativas de momentos decisivos da história do mundo e do Brasil. A mais antiga tem 2.500 anos e vem da Lídia, o extinto reino considerado o berço da moeda. (A coleção, chamada Nomus Brasiliana, está exposta em Salvador, na Bahia, depois de ter ficado aberta ao público na BM&FBovespa. Está acessível também on-line em www.a2b2.info/colecao-nomusbrasiliana.)

Fosse Spinola um numismata convencional, teria narrado uma história factual e cronológica. Polivalente, o advogado Noenio Spinola teve uma bem-sucedida carreira jornalística, como correspondente estrangeiro de vários jornais em Washington, Moscou e Londres e como editor-chefe do "Jornal do Brasil". Também foi diretor da Bovespa e da BM&F. A bagagem de informações acumulada no desempenho dessas funções foi canalizada para "Dinheiro, Deuses & Poder".



Filtrar por Editorias

- Índice Impresso
- Primeira página
- Brasil
- Política
- Internacional
- Opinião
- Especial
- Empresas
- The Wall Street Journal Americas
- Finanças
- Eu & Investimentos
- Empresas Citadas

Versão Digital

04-09-2015 🔑



Acesse a versão digital do Valor e leia o jornal exatamente como ele foi impresso. Conteúdo exclusivo para assinantes.

É assim que surgem aproximações inesperadas. Ele conta, por exemplo, que em 2005 trabalhava na BM&FBovespa quando compositores da escola de samba da Rocinha procuraram a instituição com o fito de obter patrocínio para a apresentação de um samba-enredo sobre dinheiro, para o Carnaval do Rio de Janeiro do ano seguinte.

Segundo Spinola, o projeto do livro foi adiado por dois anos para que ele pudesse investigar melhor o significado do samba-enredo "A Felicidade Não Tem Preço". Conclusão: "O samba de amor e ódio [ao dinheiro] da Rocinha era o mesmo que mais tarde [na crise de 2008] seria cantado no 'network' dos minotauros financeiros de Wall Street".

Saltos temáticos e temporais como esse são uma constante no livro. A narrativa pode avançar e recuar séculos na mesma página. No prefácio, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso identificou no estilo uma "escritura em espiral", que repete e alarga os argumentos. Com alguma frequência, porém, a espiral se transforma em círculo.

O leitor insistente, de qualquer maneira, não deixará de ser recompensado com boas histórias. Spinola conta, por exemplo, como o surgimento do zero e do posicionamento notacional dos números revolucionou a matemática na Idade Média. Até o século XIII, o Ocidente usava a numeração romana, que desconhecia esses dois conceitos, sem os quais é quase impossível fazer cálculos. Contas com alguma complexidade eram tarefa para profissionais que sabiam manejar o ábaco, um antigo instrumento de cálculo. A introdução dos números arábicos, portanto, democratizou a matemática, e talvez por isso mesmo enfrentou resistência. "Essa passagem não foi mais rápida e fácil porque foi considerada subversiva", escreve Spinola. "Reis e cortesãos não queriam escrever sua conta-corrente em linguagem vulgar e o conceito de zero chegou a ser considerado como heresia."

O livro está ainda repleto de boas anedotas e curiosidades. O autor traça um paralelo entre as moedas revolucionárias do Brasil e dos Estados Unidos, mostrando o abismo entre as duas realidades. Lá, durante a Guerra da Independência, a América revolucionária, sem poder cobrar impostos para financiar suas tropas, criou uma cédula, o continental, que era aceita mais por patriotismo. O papel viraria pó, mas não sem antes cumprir a função de auxiliar na obtenção da independência.

No Brasil, uma experiência semelhante foram as moedas emitidas pelo governo revolucionário de São Paulo em 1932. Embora denominadas moedas, eram mais medalhas, uma vez que não traziam impresso o valor. "A moedagem de 1932 revela nostalgia e poesia", comenta Spinola, notando os versos de Guilherme de Almeida reproduzidos em miniatura na peça de metal.

Grande conhecedor da história da moeda, o autor por vezes se permite digressões, das quais nem sempre volta a tempo ao assunto central. Para os interessados sobretudo na evolução do dinheiro, no entanto, Spinola providencia um atalho: uma linha do tempo que se desdobra em mais de 120 quadros e que passeia com leveza pelas peças da coleção. Encontra-se aí tudo o que há de mais importante sobre o universo das moedas: o denário romano, o dinar islâmico, o táler (ancestral do dólar), a pataca, o florim, um marco com a suástica, além de tostões, cruzados (antigos e recentes) e, entre centenas de outras denominações, réis e reais.

Oscar Pilagallo é jornalista e autor de "A Aventura do Dinheiro" (Publifolha).

"Dinheiro, Deuses e Poder"

Noenio Spinola. José Olympio. 816 págs., R\$ 59,00

Tweet

0

Share

G+

+1

0